



Acta Scientiarum. Language and Culture

ISSN: 1983-4675

eduem@uem.br

Universidade Estadual de Maringá

Brasil

Bolfarine, Mariana

A (des)integração da África pós-colonial em A Bend in the River de V. S. Naipaul

Acta Scientiarum. Language and Culture, vol. 32, núm. 1, 2010, pp. 61-66

Universidade Estadual de Maringá

.jpg, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307426643015>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

# A (des)integração da África pós-colonial em *A Bend in the River* de V. S. Naipaul

**Mariana Bolfarine**

*Programa de Estudos Linguísticos e Literários em Inglês, Departamento de Letras Modernas, Universidade de São Paulo, Av. Luciano Gualberto, 403, 05508-900, sala 15, São Paulo, São Paulo, Brasil. E-mail: marianabolfarine@hotmail.com*

**RESUMO.** O presente trabalho visa refletir sobre as consequências do imperialismo europeu em uma cidade africana fictícia, inspirada no Zaire, representada por V. S. Naipaul na obra *A Bend in The River* (1979). O artigo investiga a falta de integração entre as diferentes esferas sociais que se formaram no leste da África, a partir da imigração de indianos e asiáticos como *indentured workers*, trabalhadores contratados. Serão analisados trechos do romance que possuem como foco as consequências dos relacionamentos inter-raciais vividos entre diferentes personagens. A conclusão é que *A Bend in the River* demonstra que a política de dividir para governar, posta em prática pelos europeus, influenciou a construção de uma sociedade fragmentada, desigual, hierárquica e determinista. O pessimismo de Naipaul corrobora a ideologia racista do colonialismo, que prega a pressuposição pelo negro africano da superioridade do branco europeu, reafirmando o seu direito de oprimir e dominar os povos colonizados. O campo teórico é constituído com base nos estudos de Avtar Brah, Edward Said, Michael Gorra.

**Palavras-chave:** África, pós-colonialismo, imperialismo, (des)integração.

**ABSTRACT. The (dis)integration of post-colonial Africa in *A Bend in the River* by V. S.**

**Naipaul.** This work aims at reflecting upon the consequences of European imperialism in a fictitious African city, supposedly situated in Zaire, represented by V. S. Naipaul in *A Bend in the River* (1979). The article investigates the lack of integration between different social spheres, which were formed in East Africa, after the immigration of Indians and Asians as indentured workers. Different excerpts of the novel that focus on the consequences of the inter-racial relationships between different characters in the narrative will be analyzed. The conclusion is that *A Bend in the River* reveals that the divide and rule policy, put into practice by the European colonizer, influenced the construction of a society that is fragmented, unequal, hierarchical and deterministic. Naipaul's pessimism supports the racist ideology of colonialism, which preaches the assumption by the black Africans of the superiority of the white Europeans, reaffirming the latter's right to oppress and dominate the colonized people. The theoretical field is based on the works of Avtar Brah, Edward Said, Michael Gorra.

**Key words:** Africa, post-colonialism, imperialism, (dis)integration.

## Introdução

O presente artigo investiga, em um primeiro momento, o processo de formação das diferentes esferas sociais na cidade africana fictícia representada em *A Bend in the River*, a partir da imigração de indianos e asiáticos como trabalhadores contratados (*indentured workers*), os quais dividiam o mesmo território com europeus e africanos. Em um segundo momento, o trabalho é dirigido à falta de integração entre essas esferas sociais, por meio da análise de trechos do romance que possuem como foco as consequências dos relacionamentos vividos entre personagens de diferentes etnias e, por conseguinte, de diferentes classes sociais.

Vencedor do Prêmio Nobel em 2001, V. S. Naipaul é um dos maiores escritores caribenhos pós-coloniais

da atualidade. De ancestralidade india, Vidiadhar Surajprasad Naipaul nasceu em Trinidad no ano de 1932. Nos seus primeiros romances, o espaço retratado com maior recorrência correspondia ao Caribe de sua infância, porém, aos poucos, o pano de fundo de suas narrativas foi transposto do Caribe para a região metropolitana de Londres e, em seguida, para países da África e da Ásia.

*A Bend in the River*, que data de 1979, passa-se em uma cidade africana fictícia, supostamente inspirada no porto de Kisangani, situado no Zaire. No ensaio não-ficcional de Naipaul, *A New King for the Congo* (NAIPPAUL, 1980), o paralelo entre o fato histórico e a ficção fica claro, na medida em que o ensaio propõe uma reflexão sobre a política nacionalista colocada em prática pelo presidente do Zaire,

Mobutu Sesé Seko, com o intuito de reconstruir a África pós-independente. Tanto no romance quanto no texto crítico, o autor versa sobre o destino da população imigrante descendente dos trabalhadores contratados, após o confisco dos seus comércios pelo governo de Mobutu, em 1973 (NAIPAUL, 1980).

O romance é narrado em primeira pessoa pelo protagonista Salim, um muçulmano de origem indiana, que sai da costa leste para se estabelecer como comerciante, no interior da África. Por meio da narrativa de Salim, podemos ter acesso ao destino dessa cidade após a busca do presidente, inspirado em Mobutu, por uma autenticidade política, econômica e cultural, como tentativa de rejeitar os valores impostos pelos colonizadores e retornar à África anterior ao imperialismo (NAIPAUL, 1980).

Em *A New King for the Congo* (1975), Naipaul menciona que Joseph Mobutu, apesar de sua origem humilde, teve acesso à escolaridade e atuou como jornalista antes de tornar-se general do exército em 1960. Em 1965, Mobutu tomou o poder e iniciou o processo de revalorização da África, adotando o nome Mobutu Sesé Seko. Segundo Naipaul, Mobutu passou a usar um chapéu de pele de leopardo e um cajado de madeira em aparições públicas, ambos símbolos de liderança, pois somente o chefe poderia matar o leopardo, a fim de defender sua tribo e demonstrar seu poder e autoritarismo (NAIPAUL, 1980). Na narrativa, o presidente compartilha a mesma trajetória de Mobutu em direção ao poder e, do mesmo modo, troca o terno, símbolo da influência ocidental, por trajes africanos, adotando o chapéu de pele de leopardo e o cajado de madeira. Tal mudança de hábitos e de identidade é descrita pelo protagonista de *A Bend in the River*: “The president I had only seen in photographs – first in army uniform, then in the stylish short-sleeved jacket and cravat, and then, with his leopard-skin chief’s cap and his carved stick, emblem of his chieftaincy” (NAIPAUL, 1979, p. 125, tradução nossa).

Grande parte da opinião crítica sobre a África está vinculada à política posta em prática pelos colonizadores britânicos de dividir para governar (*divide and rule policy*). As consequências de tal postura perduraram sob a forma de conflitos vividos pelos Estados africanos pós-coloniais, que emergiram no século XX, por meio da rude amalgamação de povos e de terras realizada pelos colonialistas fundadores (EMEZUE, 2006).

Dentre as intervenções perpetradas pelos europeus, estão as profundas transformações na paisagem natural e no quadro humano, tanto durante a época colonial quanto logo após a independência. Os europeus e os próprios africanos importaram elementos da flora e da fauna, como animais domésticos, cereais e plantas não-nativas da

região, a exemplo do jacinto aquático, que Salim descreve como “another enemy” (NAIPAUL, 1979, p. 46, tradução nossa), um outro inimigo presente na cidade retratada no romance, além dos colonizadores. A imagem recorrente em *A Bend in the River* atua como um símbolo dos danos causados pelas transformações realizadas em virtude do imperialismo, pois, ao crescer demais, a planta enroscava no motor dos barcos e ameaçava o fluxo do rio:

[...] the water hyacinth was the fruit of the river alone. The tall lilac-coloured flower had appeared only a few years before, and in the local language there was no word for it. The people still called it ‘the new thing’ or ‘the new thing in the river’, and to them it was another enemy. Its rubbery vines and leaves formed thick tangles of vegetation that adhered to the river bank and clogged up the waterways (NAIPAUL, 1979, p. 46, grifo nosso, tradução nossa).

Tanto no ensaio quanto no romance, o rio tem uma importância fundamental para a sobrevivência dos habitantes da região. Pela decadência dos meios de transporte rodoviário e aerooviário no Zaire, o rio, em 1975, ficou conhecido como a grande rodovia do país, “[...] the great highway of the country” (NAIPAUL, 1980, p. 98, tradução nossa), no qual o tráfego de barcos a vapor era intenso. Há, na narrativa, diversas referências às comunidades ribeirinhas, a exemplo da de Zabeth, mãe de Ferdinand, que passavam dias de jornada em barcos a vapor, para comprar utensílios domésticos simples, apenas para facilitar-lhes as tarefas diárias, visto que sua subsistência era extraída da natureza, sobretudo do rio.

A diversidade étnica e cultural foi uma consequência da vinda dos europeus e dos imigrantes indianos e asiáticos, cuja interação com os africanos nativos resultou em um caleidoscópio de povos. *A Bend in the River* revela que as comunidades formadas pelos imigrantes e sua convivência com povos nativos da África formaram grupos quase independentes, mas que dividiam o mesmo espaço geográfico e eram subordinados aos colonizadores britânicos (BRAH, 1996).

A sociedade africana foi tornando-se determinista, pois o status social era determinado pela pigmentação da pele e, com base nisso, as pessoas passaram a ser divididas em diferentes esferas sociais, consolidando um abismo racial e cultural entre os povos. Uma das implicações disso, para a sociedade pós-colonial africana, foi a criação de estereótipos que se calcificaram sob a forma de um “prisma sólido e transparente através do qual as diferentes raças se observavam mutuamente” (EMEZUE, 2006, p. 136).

### Origem das esferas sociais

Salim, de origem india, durante uma conversa com seu protegido, o africano Ferdinand, não só aponta para a existência das diferentes esferas sociais como também para a situação de subordinação cultural e econômica da África pós-colonial de *A Bend in the River* ao antigo colonizador: "I couldn't help myself: the teacher in me and the guardian came out. I said, 'You should look at this. They are working on a new telephone. It works by light impulses rather than on electric current'" (NAIPAUL, 1979, p. 44, grifo nosso, tradução nossa).

Ferdinand pergunta, "Who are they?", e Salim responde a ele, após uma breve reflexão:

I thought: We are here already, after only a few months at the *lycée*. He's just out of the bush; I know his mother; I treat him like a friend; and already we're getting this political nonsense. I didn't give the answer I thought he was expecting. I didn't say 'the white men'. Though with half of myself I felt like saying it, to put him in his place. I said instead, 'The scientists' (NAIPAUL, 1979, p. 44, tradução nossa).

A reflexão de Salim continua:

[...] I thought a lot about my refusal to say 'The white men' when Ferdinand asked me to define the 'they' who were working on the new telephone. And I saw that, in my wish to give him political satisfaction, I had indeed said what I intended to say. I didn't mean the white men. I didn't mean, I couldn't mean, people like those I knew in our town, the people who had stayed behind after independence. I really did mean the scientists; I meant people far away from us in every sense.

They! [...] When we wanted to speak of the doers and makers and the inventors, we all - whatever our race - said 'they'. We separated these men from their groups and countries and in this way attached them to ourselves. [...] The 'they' we spoke of in this way were very far away as to be hardly white. They were impartial, up in the clouds, like good gods. We waited for their blessings, and showed off those blessings - as I had shown off my cheap binoculars and my fancy camera to Ferdinand - as though we had been responsible for them. [...] In fact, I - and all the others like me in our town, Asian, Belgian, Greek - were as far away from them as he was (NAIPAUL, 1979, p. 44 e 45, grifo nosso, tradução nossa).

Esse excerto revela a hierarquia da sociedade em que os personagens estavam inseridos, pois remete a um momento histórico posterior ao recrutamento de indianos e chineses para atuar como *indentured workers*, trabalhadores contratados, na construção de ferrovias. Este tipo de regime de semiescravidão foi

abolido em 1916; porém, no leste da África, perdurou até 1922, quando a maior parte dos imigrantes retornou às suas terras e os que permaneceram ficaram limitados ao pequeno comércio (BRAH, 1996).

A constituição das esferas sociais na África pós-independente pode ser representada pelo conceito de *colonial sandwich* proposto por Brah (1996). Segundo essa definição, os europeus representariam a parte superior do sanduíche, os Asiáticos estariam no meio e os Africanos estariam abaixo de todos. Os indianos atuavam como um elo entre os bancos e os negros, pois transitavam entre esses dois grupos étnicos e ocupavam uma posição social intermediária, abaixo do colonizador branco, mas acima do negro africano. O poder político era restrito aos colonizadores e foi passado aos africanos somente após a independência.

Em *A Bend in the River*, os europeus eram os detentores dos meios de produção, os *doers and makers*, pois faziam parte do grupo dos criadores e inventores. Quando Salim referia-se a este grupo, ele mencionava que todas as pessoas pertencentes ao seu meio social aludiam a eles como *they* (eles), a fim de separá-los dos demais grupos étnicos. A reflexão do protagonista demonstra que os europeus, como detentores dos meios de produção, representavam o único grupo capaz de produzir e proferir suas 'bênçãos': descobertas, criações e inventos tecnológicos aos demais. Sendo assim, a cultura, representada pelo conhecimento científico dominante, não era igualmente acessível às diferentes esferas sociais.

Além dos indianos como Salim, os demais representantes da camada intermediária, gregos, asiáticos, portugueses e belgas, tinham consciência da existência desse tipo de conhecimento e a quem ele pertencia. Muitos possuíam diferentes graus de escolaridade e, assim, poderiam ter contato com veículos de comunicação, como revistas, que divulgavam a produção desse conhecimento. Como detentores de capital, eles também estavam entre os que poderiam adquirir as 'bênçãos', como o binóculo e máquina fotográfica que Salim exibia orgulhosamente a Ferdinand.

Os africanos, como Ferdinand (nesse trecho), ocupavam a posição mais baixa da hierarquia social, pois, como não tinham acesso à educação, eram incapazes de produzir conhecimento dominante; a maioria, portanto, sobrevivia à custa da agricultura de subsistência e, de tempos em tempos, comprava objetos de pouco valor que facilitavam a sua vida, como refratários esmaltados, seringas, pilhas e lâminas de barbear, vendidos, sobretudo, pelos representantes da esfera social intermediária, os indianos e asiáticos. Os bens produzidos pelos

brancos eram-lhes inacessíveis, visto que não possuíam o capital para adquiri-los.

Logo, durante o imperialismo, a política colonial visava a restringir as atividades dos negros à agricultura e dos indianos e demais imigrantes ao pequeno comércio e troca; havia o cuidado de manter esses dois grupos subordinados aos ocupantes brancos de origem europeia, representantes da burguesia comercial. Esta política foi essencial para a formação das classes sociais no leste da África (BRAH, 1996).

#### A (des)integração entre as esferas sociais

Nesse segundo momento, a análise é voltada para a falta de integração entre as esferas sociais de A Bend in the River e, também, para como esse fato reflete a construção de uma sociedade desigual, hierárquica e fragmentada. Há, no romance, dois relacionamentos inter-raciais que ratificam a impossibilidade de integração entre as diferentes etnias e a manutenção das camadas do ‘sanduíche colonial’ de Brah (1996): o de Metty com uma ‘mulher africana’ e o de Salim com Yvette.

Metty, que significa mestiço, do francês *métis*, ganhou este apelido ao mudar-se da costa da África para o interior. Ele era um escravo pertencente à família de Salim, que o herdara. Desenvolto, Metty relacionava-se muito bem com as mulheres africanas e, com uma delas, teve um filho. Salim, ao descobrir, sentiu-se traído e manifestou sua decepção,

Oh, Metty, why didn't you tell me? Why did you do this to me? [...] Ali, Ali-wa! We lived together. I took you under my roof and treated you as a member of my family. And now you do this [...].

‘I will leave her, patron. She's an animal’.

‘How can you leave her? You've done it. You can't go back on that. You've got that child out there. Oh, Ali, what have you done? Don't you think it's disgusting to have a little African child running about in somebody's yard with its *toto* swinging from side to side? Aren't you ashamed? A boy like you?’

‘It is disgusting, Salim.’ He came and put his hand on my shoulder. ‘And I am very ashamed. She's only an African woman. I will leave her’ (NAIPAUL, 1979, p. 105-106, grifo nosso, tradução nossa).

Esse trecho revela que na cidade africana retratada no romance, dentre as classes não-brancas, existia uma hierarquia, segundo a qual os africanos negros estavam situados por último. A mulher referida pelo empregado não tem nome, ela representa, de modo pejorativo, as ‘mulheres africanas’, comparadas a animais, cujos filhos perambulavam nus pela vizinhança.

Segundo Gorra (1997), os nativos retratados em A Bend in the River, limitam-se a fornecer um pano

de fundo, um cenário e uma atmosfera ao romance. Não é possível diferenciá-los uns dos outros, pois eles não possuem um nome, uma voz ou um papel significativo; eles são *a black woman, an African woman*.

A situação de Metty não era das melhores, pois apesar de ter frequentado a escola quando morava com a família de Salim, ele não deixou de ser seu empregado e dependia daquele trabalho para sobreviver, pois como não recebia um salário, o *patron* oferecia-lhe comida e moradia. No entanto, apesar de mestiço, Metty considerava-se superior à mãe de seu filho que, para ele, não passava de uma ‘mulher africana’. O desejo de garantir seu sustento e manter sua posição social privilegiada fez com que Metty abandonasse a família, cujos membros, para ele, não passavam de animais.

Salim, por sua vez, reencontrou Indar, um amigo de infância que, por pertencer a uma família abastada na costa da África, foi estudar em Londres. Após seu regresso, Indar ocupou um cargo de professor no *Domain*, uma cidade universitária construída pelo presidente, com o intuito de modernizar a África. Nas festas do *Domain*, Salim conheceu Yvette, vinda da Bélgica e casada com Raymond, o braço direito do presidente, conhecido como “o homem branco do grande Homem”, “Big Man's White man” (NAIPAUL, 1979, p. 184, tradução nossa), o homem branco do presidente. Assim que Indar retornou à Londres, Salim e Yvette iniciaram um relacionamento amoroso extraconjugal. Salim estava realizado, pois, além de ter sido a primeira mulher que ele possuiu sem pagar, ela representava um meio de ascensão social para a vida europeia repleta de *glamour*.

Apesar de sua satisfação para com sua nova vida, Salim passou a enxergar Metty, que no início parecia bem adaptado ao interior Africano, como alguém deslocado:

In the flat I saw that Metty's light was on. I said, ‘Metty?’ He said through the door, ‘Patron’. He stopped calling me Salim; we had seen little of one another outside the shop for some time. And going on to my own room, considering my own luck, I thought: poor Metty. How will it end for him? So friendly and yet in the end always without friends. He should have stayed on the coast. He had his place there. He had people like himself. Here he is lost (NAIPAUL, 1979, p. 178, tradução nossa).

No entanto, não tardou para Salim descobrir que logo voltaria a estar tão deslocado quanto Metty. O protagonista percebeu que se havia enganado a respeito de Yvette, pois ela não ocupava mais a posição de poder que ele havia pensado. Em virtude da política nacionalista, o presidente dependia menos dos

discursos elaborados por Raymond. Yvette refletia o fracasso do marido e Salim passou a vê-la como uma pessoa tão desencontrada quanto ele próprio.

And failure like that wasn't what I would have chosen to be entangled with. My wish for an adventure with Yvette was a wish to be taken up to the skies, to be removed from the life I had – the dullness, the pointless tension, the situation of the country. It wasn't a wish to be involved with people as trapped as myself (NAIPAUL, 1979, p. 183, tradução nossa).

Salim já não via mais nada de positivo em seu relacionamento, pois Yvette passou a ser como as prostitutas com quem ele saía e, a seu ver, ela passou a tratá-lo como Raymond, seu marido fracassado. Uma noite em que Yvette o procurou, com roupa de festa e um pouco embriagada, Salim a agrediu fisicamente e cuspiu entre suas pernas.

When she was almost at the door she turned and smiled and Said, 'You don't have a woman hidden in the cupboard, do you?' [...] It was so much the kind of thing I heard from whores who pretended to be jealous in order to please. It blasted the moment. Opposites: again this communication by opposites. That woman in the cupboard: that other person outside [...] Affection, just before betrayal. And I had been in tears. [...] 'Do you think I'm Raymond?' This time she had no chance to reply. She was his so hard and so often about the face, even through raised, protecting arms, that she staggered back and allowed herself to fall on the floor (NAIPAUL, 1979, p. 218-219, tradução nossa).

O fracasso dos relacionamentos inter-raciais analisados leva a refletir sobre a inscrição latina entalhada em um bloco de mármore que sobrou das ruínas de um monumento que celebrava os 60 anos de uma empresa europeia de barcos a vapor, destruído após o fim do colonialismo, com o qual Salim deparou-se logo após a mudança para o interior. De acordo com o padre Huismans, diretor do Liceu da cidade, a frase *Micerique probat populos et foedera jungi* é oriunda de um poema sobre a fundação de Roma e significa *He approves of the mingling of the peoples and their bonds of union* (NAIPAUL, 1979, p. 62), que o grandioso deus romano aprova o estabelecimento dos romanos na África, a mistura dos povos e tratados de união entre eles.

Todavia, o diretor do Liceu revelou-lhe que, na verdade, a inscrição era falsa, pois no contexto original significava que o grandioso deus romano poderia não aprovar o estabelecimento dos romanos na África, nem a mistura de povos e nem tratados de união entre eles: "[...] the great Roman god might not approve of a settlement in Africa, of a mingling of peoples there, of treaties of union between Africans and Romans" (NAIPAUL, 1979, p. 62,

tradução nossa). Quando Salim descobriu que a inscrição era falaciosa, ficou indignado com o modo pelo qual os poderes imperiais manipularam seu governo, o que, para o protagonista, significava que aquela cidade havia sido construída sobre uma mentira.

#### O pessimismo de Salim: eco da voz de Naipaul?

Para Naipaul, os diferentes povos integrados pelo império não se tornaram um único povo, pois eles fracassaram em formar uma cultura comum. Houve uma ‘colisão’ entre o ocidente, a Índia e a África, mas sem que houvesse uma “coerência” (GORRA, 1997, p. 80). Para Naipaul, justamente essa ‘colisão’ é a origem dos embates dos países pós-coloniais, em que o povo subjugado não tem escolha a não ser aspirar à cultura dominante imposta pelo colonizador.

Convém explicitar que o romance é narrado em primeira pessoa pelo protagonista Salim e que a sua narrativa pode ser considerada um “eco do posicionamento do autor” (GORRA, 1997, p. 106), a respeito do pessimismo em relação ao destino dos países pós-coloniais. O título do ensaio no qual *A Bend in the River* foi baseado, *A New King for the Congo: Mobutu and the Nihilism of Africa* (NAIPAUL, 1980), contém em si a visão do autor sobre o fracasso das sociedades pós-coloniais. Para Naipaul, a saída dos europeus corresponderia ao fim da civilização e ao retorno à barbárie, a um momento em que não haveria nada além de “bush”, mato, “I had to talk to myself – just to drive through bush and more bush [...] Sun and rain and bush had made the site look old, like the site of a dead civilization” (NAIPAUL, 1979, p. 3 e 27, tradução nossa). Tal pessimismo, presente na maioria dos seus romances, demonstra que, para Naipaul, “a separação dos diferentes povos de suas origens, provocada pelo imperialismo não resultou em nada além de um estranhamento e um anseio por uma terra idealizada” (GORRA, 1997, p. 78).

#### Nativismo x evolução cultural

Acerca do embate entre as diferentes culturas colocadas em contato, por meio do imperialismo, que é o tema central de *A Bend in the River*, o filósofo e crítico literário Johann Herder, afirma que “uniões híbridas e forçadas entre as nações estão fadadas à desintegração” (apud YOUNG, 1995, p. 47). Enquanto os próprios colonos degenerarão em climas não-naturais, o mesmo ocorrerá com os africanos, ao entrarem em contato com a cultura ocidental, imposta pelos europeus. Herder propõe um paradoxo, pois, por um lado, considera que “a colonização e a mistura racial introduzem uma

heterogeneidade inevitável, por outro, o advento do próprio progresso da humanidade surge como resultado da mistura e comunicações culturais, por meio das quais as realizações culturais de uma sociedade enxertam-se em outra” (apud YOUNG, 1995, p. 49).

Logo, o Nativismo proposto por Herder (apud GORRA, 1997), que defende a homogeneização das culturas, e posto em prática pelo presidente de *A Bend in the River*, por meio da política nacionalista, sugere que seria impossível recuperar o passado, isto é, regressar à África anterior à colonização, pois “a ilusão de reconquistar o sentimento de auto-valorização que o imperialismo destruiu, não passaria da nostalgia por um tempo de segurança, anterior à grande desordem causada pelo imperialismo” (GORRA, 1997, p. 78).

Por conseguinte, tomando como base os estudos de Herder, podemos inferir que o Nativismo, em detrimento da heterogeneidade proporcionada pela mistura racial, não só é um ideal racista, que defende a segregação do Outro, mas é também uma utopia. Além de a mistura racial ser inevitável, o progresso e a evolução cultural somente ocorrerão por meio do contato entre as civilizações.

### Considerações finais

O objetivo do presente artigo foi demonstrar, à luz dos posicionamentos de críticos pós-coloniais a respeito de V. S. Naipaul e de suas obras, que a falta de integração entre os povos, unidos sob a forma do ‘sanduíche colonial’ (BRAH, 1996), constituiu as esferas sociais fragmentadas presentes em *A Bend in the River*. Tal (des)integração revela um pessimismo por parte do autor em relação às sociedades que viveram o imperialismo, pois o romance aponta que qualquer tentativa de miscigenação entre as diferentes raças não passaria de uma frustração. A conclusão é que, para Naipaul, a ‘colisão’ sem ‘coerência’ (GORRA, 1997) entre as culturas reflete a manutenção da ideologia racista do colonialismo, que prega a pressuposição pelo negro africano da superioridade do branco europeu, reafirmando o seu direito de oprimir e dominar os povos colonizados. Para Said, tal ideologia hierarquizante inclui a noção de que “certos povos exigem e procuram dominação, bem como formas de conhecimento associadas à mesma” (SAID, 1993, p. 8).

Por fim, o imperialismo pregava que a independência era para brancos e europeus, pois para que houvesse dominação, “os povos inferiores e subjugados tinham que ser governados, na medida em que a ciência, o aprendizado e a história emanavam do ocidente” (SAID, 1993, p. 94-95), conforme demonstra a presente análise de *A Bend in the River*. A exemplo da hierarquia social e determinista existente na sociedade retratada no romance, as sociedades ocidentais modelavam e estabeleciam os limites na representação dos que eram considerados essencialmente seres subordinados. Para o crítico Said (1993, p. 94-95), tal representação “caracteriza a manutenção do subordinado, subordinado e do inferior, inferior”.

Gorra (1997) faz referência à figura de Robinson Crusoé que, para Naipaul, serve como um emblema para as ilhas do Caribe que pode ser transposto para a África de *A Bend in the River*: ambas são sociedades que devem “aprender a construir, onde nada havia, [...] a língua de uma raça” (GORRA, 1997, p. 190, tradução nossa), uma raça na qual todos os representantes são naufragos, apartados das suas origens.<sup>1</sup>

### Referências

- BRAH, A. **Cartographies of diaspora**. London: Routledge, 1996.
- EMEZUE, G. M. T. Failed heroes and failed memories: between VS Naipaul's Biswas and Mongo Beti's Medza. In: **RE-IMAGINING African Literature (2)**. Tampa: Progeny International, 2006. p. 133-142. (Journal of African Literature and Culture JALC, 3).
- GORRA, M. **After empire: Scott, Naipaul, Rushdie**. Chicago: The University of Chicago Press, 1997.
- NAIPAUL, V. S. **A bend in the river**. New York: Vintage, 1979.
- NAIPAUL, V. S. A New king for the Congo: Mobutu and the Nihilism of Africa, 1975. In: **VINTAGE Naipaul**. New York: Vintage, 1980. p. 88-128.
- SAID, E. **Culture and imperialism**. New York: Vintage, 1993.
- YOUNG, R. J. C. **Desejo colonial: hibridismo em teoria, cultura e raça**. São Paulo: Perspectiva, 1995.

Received on September 26, 2008.

Accepted on October 8, 2008.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

<sup>1</sup> No livro de Michael Gorra (1997), a referência original ao trecho de Robinson Crusoe é “learn to shape...where nothing was / the language of a race”, Derek Walcott, “Crusoe’s Journal”, in *Collected Poems*, 94 (apud GORRA, 1997, p. 190).